VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

DISPUTA DE PROJETOS MODERNISTAS: A TROCA DE CARTAS ENTRE SÉRGIO MILLIET E MÁRIO DE ANDRADE

Renata Rufino da Silva*

O presente trabalho está inserido na minha pesquisa de doutorado que iniciei no ano de 2013. O objetivo central da pesquisa é analisar o papel de Sérgio Milliet (1898-1966) no movimento modernista brasileiro. Sociólogo por formação, mas também ensaísta, poeta, tradutor e crítico de artes plásticas e literatura, Sérgio Milliet teve um papel decisivo, porém pouco estudado, nesse movimento: foi um importante *passeur* (o equivalente a um "mediador cultural") entre os campos literários europeu e brasileiro, principalmente nos anos seguintes à Semana de Arte Moderna de 1922. Sua articulação se deu a partir do estabelecimento do "consulado mental paulista em centros europeus", nas palavras de Oswald de Andrade.

Além de receber os brasileiros chegados em Paris, Milliet foi um divulgador de obras de autores brasileiros. Publicou na revista belga *Lumière* (1919-1923), o texto "Une semaine d´art moderne à Sao Paulo", em abril de 1922. Nessa mesma época, Milliet intermediou a colaboração de Charles Baudouin, seu companheiro na revista *Le Carmel*, e de Roger Avermaete, que conheceu na *Lumière*, como correspondentes de *Klaxon*, considerado o primeiro periódico de divulgação das ideias modernistas pós-1922, na

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Email: renatarufino_rj@hotmail.com

França e na Bélgica, respectivamente. Atuando como *passeur*, Milliet investiu igualmente na atividade de tradução que, aliás, foi marcante na sua trajetória. Traduziu poemas de modernistas brasileiros, entre eles os de Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida, como também textos de escritores não atrelados ao movimento como Monteiro Lobato.

É interessante destacar que Milliet foi enviado para a Suíça, com o incentivo e auxílio financeiro dos tios maternos, em 1912, aonde permaneceu até 1920. Em Genebra, o escritor paulista cursou o secundário e iniciou o curso de Ciências Econômicas e Sociais da Escola de Comércio, concluído na Universidade de Berna. A sua volta ao Brasil se deu no ano de 1922, às vésperas da Semana de Arte Moderna, realizada entre 13 e 17 de fevereiro daquele ano. Ainda assinando seus textos como "Serge"[1], Milliet participou da Semana com o poema "Oeil-de-boeuf", escrito em francês, e lido por seu amigo suíço Henri Mugnier. Embora não tenha sido nessa época seu retorno definitivo ao Brasil, que só se deu em 1926, Milliet poderia ter se configurado como um "caso exemplar" de abrasileiramento, na conversão ao modernismo, uma vez que passou a valorizar sua terra natal e deixou o continente europeu. Porém, não foi bem isso que ocorreu e, mais do que isso, sua atuação no movimento foi pouco destacada.[2]

Pelo que temos constatado, Milliet teve um protagonismo no modernismo enquanto viveu em Paris entre 1922 e 1925, diferentemente do que se deu após sua volta definitiva ao Brasil. Nesse período, Sérgio Milliet se correspondeu com Mário de Andrade. Como se sabe, Mario, o mais importante artífice do modernismo, possuía uma vasta rede de sociabilidade, que se sustentou, muitas vezes, a partir da troca de correspondências. Entre seus missivistas, inclui-se Sérgio Milliet. A partir dessas cartas, é possível perceber as intenções de cada um: enquanto nesse momento Milliet tentava articular uma rede de relações entre as vanguardas brasileira e francesa, procurando

[1] Posteriormente, ainda na década de 1920, Milliet passou a assinar como "Sérgio", deixando de usar a versão afrancesada de seu nome.

[2] Embora o nome de Sérgio Milliet figure entre os participantes do modernismo na história e crítica literária, não é numa posição de protagonismo. É importante ressaltar que houve tentativas de reconstruir a imagem de Milliet, após a sua morte, afiliando-o ao Movimento Modernista e ressaltando sua posição ativa. Um exemplo disso foi na ocasião da comemoração pelo cinquentário da Semana de Arte Moderna, em que o Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal Mario de Andrade produziu um número especial em homenagem a Sergio Milliet (número 31, jul/ago/set,1972). Milliet foi diretor da Biblioteca e, sob sua gestão, foi criado o Boletim. A grande maioria dos artigos, contudo, trata da participação de Milliet no modernismo de maneira superficial, com exceção ao texto de Rubens Borba de Moraes, seu contemporâneo e também participante do Movimento de 1922.

investir na divulgação de textos de autores brasileiros, Mario tentava "nacionalizar" Milliet, insistindo para que esse voltasse ao Brasil e, estabelecido aqui, cumprisse sua "missão" com o programa do modernismo.

Assim, nesse trabalho analisaremos as cartas trocadas por esses dois intelectuais e a partir de suas confidências, ajudas mútuas e contendas literárias, procuraremos compreender um pouco de seus projetos intelectuais e artísticos em relação ao modernismo. Além disso, buscaremos entender como esse projeto de "internacionalização" do modernismo brasileiro promovido por Sérgio Milliet não perdurou (a nosso ver, também por interferência de Mário), uma vez que, em 1926, Milliet voltou definitivamente para o Brasil, passando a frequentar, esporadicamente, o circuito artístico europeu.

As cartas escritas por Mario de Andrade a Sérgio Milliet foram reunidas por Paulo Duarte, um amigo em comum e cunhado de Sérgio Milliet, e estão disponíveis no livro "Mario de Andrade por ele mesmo".[3] Os originais encontram-se no Fundo Paulo Duarte localizado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Já as cartas enviadas por Sérgio Milliet ficaram por alguns anos desconhecidas do público devido a um pedido de Mario a seu irmão, Carlos de Morais Andrade, de divulgar sua correspondência somente após 50 anos da sua morte, que se deu em 25 de fevereiro de 1945. Na opinião de Duarte, com essa atitude, Mario quis preservar seus amigos que, ao contrário dele, não escreviam cartas para serem publicadas. Assim, atualmente, as cartas escritas por Milliet encontram-se sob a responsabilidade do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da USP, e parte desse material foi consultado por nós para a escrita desse texto.

Apesar do rico material e dessa interessante relação, só localizamos um único artigo que trata exclusivamente dessa correspondência, escrito em francês, de Regina Salgado Campos e poucos textos que mencionam essas trocas. A autora contabilizou um total de 90 cartas enviadas por Milliet e 33 por Mario, sendo que uma dessas últimas encontra-se ainda inédita (está no Fundo Paulo Duarte, mas não na compilação feita pelo autor no livro "Mario de Andrade por ele mesmo"). A pesquisadora divide as missivas em dois momentos: o primeiro, em que Milliet encontrava-se em Paris e Mario em São

[3] DUARTE, Paulo. Mario de Andrade por ele mesmo. 2 ed. corr. e aum. São Paulo: Hucitec, Secretaria da Cultura, Ciência e tecnologia, 1977.

Paulo (1923 a 1925) e um segundo, depois de uma pausa de 12 anos, em que Milliet morava na capital paulista e Mario no Rio de Janeiro (1937 a 1940).[4] Regina Salgado concentra a sua análise nas cartas do primeiro momento, que também são nosso interesse.

Uma análise, mesmo que breve, da relação entre Mario de Andrade e Sérgio Milliet nos permite, como faremos a seguir, vislumbrar a trajetória intelectual deste último. Nas cartas, é perceptível a diferença entre o Milliet que acabara de retornar à Europa, após a Semana de Arte Moderna, e aquele que volta de vez para o Brasil em 1926. Nas primeiras cartas, Milliet mesclava o português e a língua francesa, dirigia-se a Mario de Andrade tratando-o como "Cher ami" (caro amigo, em português), assim como utilizava o pronome de tratamento "vous", com maior formalidade. É importante frisar que Mario também escrevia algumas palavras em francês, embora procurasse estimular o amigo a escrever em português: "Gosto dos teus poemas em português. O último que veio de Paris! – sobe em mim uma saudade – é excelente. Traem ainda uma tal ou qual incerteza. É natural. Continua a manejar o português, breve estarás livre dentro dele."[5] E, ainda mais importante: Sérgio assinava "Serge", versão afrancesada de seu nome, o que não ocorre nas cartas escritas do Brasil na década de 1930.

É possível constatar também a admiração mútua entre os dois missivistas: "Creio que você já sabe o quanto gosto da sua arte e a admiro", escreveu Mario de Andrade, em 1925. [6] Como foi destacado por Campos, a amizade e a franqueza entre os dois marca a maior parte da correspondência. Em algumas ocasiões, Mario chegou a enviar dinheiro para que Milliet comprasse "algo da Europa", de preferência um livro[7], deixando claro que, se fosse preciso, o amigo poderia fazer uso da quantia de acordo com a sua necessidade.[8] Essa situação chamou a atenção de Francisco Alambert, que, no artigo

---

4 CAMPOS, Regina Salgado. *La correspondance franco-brésilienne de Mario de Andrade et Sérgio Milliet* . In: Le conte et la lettre dans l ´espace lusophone - Cahier n 8 - Centre de recherche sur les pays lusophones-Cepal, 2001.

5 DUARTE, Paulo. *op.cit.*, p. 292.

6 Carta de Mario para Milliet, datada de 1925. *Idem. Ibidem*., p. 302.

7 Na resposta, sem data, Milliet agradeceu e disse que iria comprar uma gravura, de Léger, pois tinha medo de comprar um livro que Mario já possuísse. Regina Campos afirma que no fundo de Mario de Andrade no IEB -USP há um desenho de Léger, muito provavelmente o comprado por Milliet. CAMPOS, Regina. *op.cit*., p.123.

8 Problemas financeiros eram assuntos constantes entre os dois missivistas. Regina Campos lembra que os dois não eram de origem oligárquica e somente os empregos públicos os ajudaram a conquistar certa autonomia. CAMPOS, Regina. *op.cit.*, p.121. Como revela Sérgio Miceli, em seu texto *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, os participantes do movimento modernista, em geral, foram beneficiados pelo mecenato das famílias abastadas e cultas, como também muitos foram "cooptados para o serviço público" e acabaram se "filiando às 'panelas' comandadas pelos dirigentes da elite

"Sérgio Milliet e o modernismo", se perguntou por que Mario não incumbiu Oswald de Andrade, seu amigo de longa data e que também vivia em Paris, dessa tarefa. Alambert defende a ideia de que "talvez porque a confiança e afinidade entre Mário e Milliet fosse maior do que é comum supor-se, comprovando a hipótese de haver um certo pacto, fundador de uma forma de educação intelectual, entre ambos."[9]

Assim, nas cartas, os amigos confidenciavam as novidades envolvendo o grupo modernista situado nos dos dois lados do Atlântico. Numa delas, datada de 6 de junho de 1923, Milliet comentou o jantar oferecido por Oswald, "gordo e diplomático", a artistas franceses. Oswald também foi destaque na carta de Milliet de 15 de maio de 1923, por ocasião de sua conferência na Sorbonne ("L'effort intellectuel du Brésil contemporain"), que depois viria a ser publicada na *Revue de l´Amérique Latine*, de julho de 1923, e, por sua vez, parcialmente reproduzida na edição nº 96 (dezembro de 1923) da *Revista do Brasil*, quando ainda pertencia e era dirigida por Monteiro Lobato[10]. Na carta, Milliet afirmou ter uma boa impressão da palestra, porém considerava "assunto demasiadamente vasto para uma só conferência."[11]

Por meio dessa correspondência também eram enviados textos para a apreciação de um e o outro missivista: Mario enviou o prefácio de *Fräulein*, que viria se tornar *Amar, Verbo intransitivo*[12], assim como Milliet o seu *Oeil-de-Boeuf* para a correção do seu "maître de portugais"[13].

Contendas literárias também eram frequentes entre os dois, como na ocasião em que Milliet admitiu não ter gostado das poesias de Manuel Bandeira, o que foi uma decepção para Mario. Segundo este, o fato de Milliet estar na Europa teria afetado a sua compreensão da obra:

burocrática". Além disso, não podemos deixar de mencionar que, embora fosse um grupo bastante heterogêneo, muitos tinham relações de parentesco com famílias oligárquicas, sendo Mario e Milliet, portanto, exceções. Ver MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.80.

9 ALAMBERT, Francisco. *Sérgio Milliet e o modernismo*. Revista da Biblioteca Mario de Andrade, nº 56, Sec.Mun. de Cult. Jan./dez.1998, p.103-109.

10 Sobre as diferenças das versões francesa (publicada na *Revue*) e brasileira (publicada na *Revista do Brasil*) da conferência de Oswald, ver DINIZ, Dilma Castelo Branco. *A gênese da Poesia* Pau-Brasil*: um escritor brasileiro na França*. Belo Horizonte. O eixo e a roda: v. 9/10, 2003/2004. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/er_9-10/er09_dcb.pdf

11 CAMPOS, Regina. *op.cit.*, p.125.

12 DUARTE, Paulo. *op.cit.*, p. 293.

13 *Idem. Ibidem .*, p. 287.

> Falar em literatura, fiquei triste por não teres compreendido o Manuel. Discordo inteiramente da tua opinião e aliás fui eu que disse ao Manuel que te enviasse as *Poesias*. (...) Eu pensei que pudesses apreciar mais o livro. Enganei-me. Tu estás situado no presente francês e eu no presente brasileiro.[14]

Em carta de 31 de outubro de 1923, endereçada a Mario de Andrade, Milliet comentou a publicação de um artigo seu sobre poesia brasileira na *Revue de L´Amérique Latine*, que incluía suas traduções de Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho, Oswald, Graça Aranha, Menotti, entre outros: "A *Amerique Latine* aceitou enfim meu artigo para dezembro. Versos de todos." É válido destacar que numa carta anterior, de 04 de outubro, Milliet se lamentou, pois teve um artigo seu recusado por ser considerado "subversivo": "Faço um outro a pedido sem atacar a Academia nem Coelho Neto."[15] Contudo, parece que Mario não compartilhava da mesma euforia, optando pela investida de "nacionalização" de Milliet em detrimento ao incentivo de seu papel como *passeur* da literatura brasileira modernista na Europa.

Essa postura de Mario é perceptível numa carta de 18 de novembro de 1924, quando ele se recusou a enviar a Milliet o texto de "Noite Brasileira", para que fosse vertido ao francês, dando entender que já não se identificaria com o texto, pois só escreveria mesmo em "brasileiro". É justamente nessa mesma carta que Mario passa a tentar convencer Milliet de voltar para o Brasil e se abrasileirar: "Manda Paris, essa delícia das delícias, à merda. Vem para cá trabalhar, ter destino ser brasileiro, ser futurista, ser revolucionário às escondidas e chàsista da Vienense às claras."[16]

Assim, mais do que uma "postura pedagógica" de Mario sobre Milliet, como afirmaram Campos, Alambert e outros analistas da correspondência de Mario, trata-se, a nosso ver, de um verdadeiro projeto para a literatura brasileira, no interior do qual Mario de Andrade valorizava a atuação no Brasil em prejuízo de um projeto paralelo, iniciado por Milliet, desde a Europa, de divulgação da produção brasileira e no estabelecimento de redes de contato com as vanguardas europeias. Sabe-se que Mario de Andrade só saiu do Brasil poucas vezes, em incursões pelo Peru e a Bolívia, e seu contato com artistas estrangeiros seu deu sempre no Brasil, como a amizade com o poeta Blaise Cendras.

---

[14] *Idem. Ibidem .*, p. 294.

[15] Acervo Mario de Andrade, IEB – USP.

[16] DUARTE, Paulo. *op.cit*., p.296-297.

Assim, a seu ver, a luta pelo modernismo deveria se concretizar em território nacional, e Milliet tinha que "redescobrir" seu país, como revela a carta de 10 de dezembro de 1924:

> Aí na França não tens nada a fazer porque o fundo Costa e Silva que subsite em ti não te permite a sujeição às escolinhas, às capelas. Aí se entrares em capela tenho certeza que serás vitoriado. Pela capela. Só então poderás subir dela pra uma situação mais geral por meio.... de concessões tuas e diplomacia. (...) E isso há-de ser mortalmente doloroso pra quem como tu tem a mata-virgem atrás da casa e está cheirando cajú-do-campo. Mas a capela é degrau absolutamente necessário aí na França e na Europa. Aqui é diferente. Não há capelas. Há brigas. Há insulto. Calúnia. E o modernismo teve a solução. A perplexidade d´aí não existe aqui porquê um problema resolveu todas as hesitações. Problema atual. Problema de ser alguma coisa. E só pode ser, sendo nacional. *Nós temos o problema atual, nacional, moralizante, humano de abrasileirar o Brasil. Problema atual, modernismo, repara bem, porquê hoje só valem artes nacionais.*[17] O francês é cada vez mais francês, o russo cada vez mais russo. E é por isso que têm uma função no universo, e interessam, humanamente falando. Nós só seremos universais o dia em que o coeficiente brasileiro nosso concorrer prà riqueza universal. (...) *Aqui no Brasil tens o teu pôsto e o teu destino. O homem só é feliz no dia em que atinge o seu pôsto e realiza o seu destino.*[18]

Ao comparar os universos literários francês e brasileiro, Mario expos sua concepção nacionalista de literatura, ao afirmar que esta deve ser como um "espelho da nação"[19], sem deixar de afirmar que seu horizonte de expectativa é a "universalidade", assim como as literaturas francesa e russa.

Não seria prudente afirmar que a volta definitiva ao Brasil de Milliet, em 1926, se dá, exclusivamente, pela interferência de Mario, mas o que se pode constatar é que Milliet, de alguma forma e ao seu jeito, passou a exercer o papel sugerido por Mario e a participar, sem qualquer dúvida, do triunfo de um determinado projeto modernista, não necessariamente aquele que após 1922 se engajou em defender.

---

[17] Grifo nosso.

[18] Grifos nosso.

[19] Embora tenhamos algumas ressalvas, não podemos deixar de citar o artigo de Monica Velloso, "A literatura como espelho da nação", em que a autora atenta como "ao longo de nossa história político-institucional, as mais diferentes correntes de pensamento tenderam a conceituar a literatura enquanto instância portadora e/ou refletora do mundo social." Essa concepção, de matriz positivista da literatura, e a obsessão pela captura do "real-nação" e pela "caça ao documento" teriam, segundo Velloso, confundido muitas vezes os discursos histórico e literário de nossos intelectuais. VELLOSO, Mônica Pimenta. *A literatura como espelho da nação*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988. p. 239.

Dessa maneira, foi possível percebemos nessas cartas, ainda que consideremos a dimensão de *mise-en-scène* desse tipo de fonte, os projetos de Mario de Andrade e Sérgio Milliet de modernismo (o primeiro mais nacionalista enquanto o segundo mais cosmopolita). Mesmo nessa leitura, ainda inicial, podemos afirmar que embora Mario já fosse reconhecido nesse momento como "papa do futurismo" (primeira alcunha do movimento modernista brasileiro) e Milliet ainda um jovem poeta que passou sua vida secundária e universitária na Suíça, podemos constatar uma relação dialógica estabelecida entre ambos os missivistas (não se restringe a mestre e discípulo). Assim, esperamos que essa correspondência nos permita compreender o nosso projeto mais geral que consiste em analisar Milliet como um importante agente no movimento modernista, ainda que sua concepção não tenha sido canonizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAMBERT, Francisco. *Sérgio Milliet e o modernismo*. Revista da Biblioteca Mario de Andrade, nº 56, Sec.Mun. de Cult. Jan./dez.1998, p.103-109.

ANDRADE, Mario de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo/Brasília: Martins/INL, 1972.

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO - Número Especial – Homenagem a Sergio Milliet - Biblioteca Municipal Mario de Andrade. São Paulo. Número XXXI p. 1-176 julho/ago./set. 1972.

CAMPOS, Regina Salgado. *La correspondance franco-brésilienne de Mario de Andrade et Sérgio Milliet* . In: Le conte et la lettre dans l ´espace lusophone - Cahier n 8 - Centre de recherche sur les pays lusophones-Cepal, 2001.

DINIZ, Dilma Castelo Branco. *A gênese da Poesia* Pau-Brasil*: um escritor brasileiro na França*. Belo Horizonte. O eixo e a roda: v. 9/10, 2003/2004. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/er_9-10/er09_dcb.pdf Acesso em: 20/09/2012.

DUARTE, Paulo. *Mario de Andrade por ele mesmo*. 2 ed. corr. e aum. São Paulo: Hucitec, Secretaria da Cultura, Ciência e tecnologia, 1977.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico*. 2. ed. São Paulo: Martins, 1982. 10v. [1ª edição 1957]

VELLOSO, Mônica Pimenta. A literatura como espelho da nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988.